

LIMITAÇÕES NO FAZER CIÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES: CBCE, 20 Anos Auxiliando na Superação

Elenor Kunz¹

RESUMO: Analisa-se, no presente artigo, as limitações em torno do fazer ciência em Educação Física e Esportes no Brasil e aponta-se para a necessidade de ampliar os conhecimentos sobre alguns "Temas Fundamentais" da área como, por exemplo, a temática do Movimento Humano, para a qual é apresentada uma pequena reflexão filosófica.

REFLEXÕES PRELIMINARES

De acordo com o atual conhecimento científico, o universo passou a existir por meio de uma explosão, há aproximadamente 15 bilhões de anos. A existência do planeta Terra, conforme algumas pesquisas geológicas, deve ser de quase 4 bilhões de anos. E, para os biólogos, a vida neste Planeta, em forma de células vivas, existe há cerca de 3 bilhões de anos. Animais superiores existem há somente 70 milhões de anos. Quanto ao Ser Humano, segundo esta linha de investigação científica, este existe há apenas três milhões de anos no Planeta Terra. Dessa existência são conhecidos, aproximadamente, 5.000 anos de civilização. E, durante esse período, sabe-se, também, que o Homem dependeu, a maior parte de sua história, exclusivamente de sua força física para se deslocar e carregar, enfim para agir e lutar pela sobrevivência. Desde o início da primeira civilização conhecida, foram necessários cerca de 250.000 anos para que o então Homo Sapiens inventasse a roda, e cerca de cinco mil anos a mais para se conectar à roda uma máquina, a primeira máquina a vapor.

A ciência, como a conhecemos hoje, só existe há algumas centenas de anos. Foi no período do Iluminismo do final do século 17, que tomou o impulso inicial para o desenvolvimento do que hoje conhecemos por Ciência e Tecnologia. Portanto, as realizações mais espetaculares da ciência ocorreram neste último século. Poder-se-ia dizer, tão espetacular que a ciência passou a ter um status de "Religião Moderna".

A crença nessa nova "religião" passou a ser reforçada a partir do crescente poder de dominação da ciência sobre a Natureza (incluindo o domínio sobre o Homem) e de sua capacidade para se superespecializar, passando assim, a penetrar em regiões cada vez mais particulares, para garantir suas verdades sobre as quais, o leigo, o consumidor comum, se sente, cada vez menos, capaz de questionar. Pela superespecialização de áreas de conhecimento científico e a possibilidade de se exercer ciência como profissão, surgem também os instrumentos especializados de veiculação desses conhecimentos, as revistas científicas. O cientista torna-se produtivo, reconhecido, valorizado (além de salário com bolsa pesquisa) pela quantidade de publicações. Em consequência, o número de revistas especializadas na publicação aumenta. Para se ter uma idéia, Meis e Leta (1996) apresentam, por exemplo, que para a área de Bioquímica há 151 revistas indexadas pelo ISI (Institute for Scientific Information) que publica cerca de 60.000 artigos por ano. Assim, concluem os mesmos pesquisadores que: se um

"professor-pesquisador universitário de bioquímica deseja atualizar o seu conhecimento e for capaz de ler um artigo por hora e ler dez horas por dia, todos os dias do ano, incluindo sábados e domingos, então ao fim do ano terá lido somente 6% do que se publicou em bioquímica no período. Durante este ano, o professor não teve tempo de ministrar aulas ou exercer qualquer outra atividade acadê-

¹ Prof. Titular do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina. Atual Presidente do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

mica além de ler e, o que é mais grave, se desejar continuar no seu esforço de se atualizar em bioquímica, deverá ler os 94% dos artigos do ano anterior que não conseguiu ler, mais um volume igual correspondente aos novos artigos publicados no segundo ano de leitura. Este exemplo ilustra a necessidade da superespecialização. Para manter uma atividade profissional produtiva, o professor-pesquisador do exemplo poderá se manter atualizado somente sobre um tópico muito particular da bioquímica” (32).

E isso tudo em tempos em que já se houve falar do “fim da ciência”. (Horgan, 1998) Mas, certamente que, em áreas do conhecimento como as ciências humanas e sociais, o problema da proliferação em série de pesquisas e a necessidade de se superespecializar não é tão grave, havendo ainda àquelas, conhecidas como áreas do conhecimento emergente, como a Educação Física e Esportes, onde a produção em geral é pequena e menor ainda a sua publicação. Porém, é notório que a velocidade e o exagerado aumento (quantitativo) da produção de conhecimentos científicos e tecnológicos vêm contribuindo para uma “semi-formação cultural” (Adorno, 1996), não apenas das massas populacionais consumidoras, mas do próprio meio acadêmico. Ou seja, quando o acesso às informações científico-culturais é facilitado, da mesma forma como a sua reprodução, a informação e a tecnologia de acesso da mesma ocupam o lugar do estudo e aprofundamento do saber. A informação e sua reprodução tornam-se mais importantes que a compreensão crítica, a reinterpretção e a ampliação contextualizada do conhecimento.

CIÊNCIAS DO ESPORTE OU A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES

Tratando-se de uma reflexão sobre os 20 anos do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) e, neste caso, uma reflexão de um atual presidente desta entidade, não vou me ocupar com a trajetória histórica destes 20 anos que certamente os meus antecessores farão e considero-os muito mais capacitados a uma análise crítica do CBCE e de sua

história. Procuo, então, aproveitando a oportunidade de, não apenas como dirigente, mas especialmente como pesquisador da área da Educação Física e Esportes, analisar uma temática que, embora historicamente considerada central na área em questão, pouco interesse despertou para estudos mais abrangentes. Refiro-me à temática do Movimento Humano que, enquanto Temática Fundamental da área, da mesma forma como as temáticas do Corpo, da Educação e da Educação Física, dos Esportes, do Ensino, da Pesquisa, etc, não tem recebido tanta atenção e estudo a partir, especialmente, de uma ótica filosófica, sociológica, antropológica, cultural e pedagógica, etc., como se pode perceber nas últimas temáticas. Significa dizer que, este interesse pelos estudos das ciências humanas e sociais para com as temáticas fundamentais das ciências da Educação Física e Esportes, como vem se desenvolvendo intensamente nos últimos anos entre nós, parece ainda não despertar para o tema do Movimento Humano. Assim, arrisco-me a apresentar, a seguir, algumas reflexões e estudos sobre o tema.

O ESTUDO DO MOVIMENTO HUMANO NA PERSPECTIVA DE UM SE-MOVIMENTAR

O problema que se apresenta quando se analisa os estudos sobre o movimento humano é que as abordagens, como já foi mencionado, a partir de fundamentos filosóficos, praticamente inexistem. Por isto, uma teoria que analise o Ser Humano que se movimenta e não os movimentos por este realizados/imitados teria que se ocupar, no meu modo de ver, necessariamente com o campo filosófico. Alguns pressupostos antropológicos básicos para esta análise já vêm sendo feitos no Brasil, a partir de algumas abordagens como, por exemplo, o tema da corporeidade, embora nem sempre o fundamento teórico básico derive de uma perspectiva filosófica.

Para as questões do ensino do movimento humano, especialmente no âmbito escolar, um estudo mais abrangente e aprofundado do mesmo - e, claramente, não isolado das demais questões que o envolvem - entendo como da mais alta relevância e atualidade.

O FAZER CIÊNCIA SOBRE O MOVIMENTO HUMANO

Em primeiro lugar, é difícil falar sobre uma ciência do movimento humano, uma vez que as pesquisas nesta área são, de certa forma, ainda reduzidas e, por outro lado, ainda existe o problema da definição sobre o que é, ou o que vale ou não vale como ciência. Porém, esta discussão epistemológica da questão, vou procurar abreviar nesta oportunidade e me ater mais ao tema da pesquisa. Pesquisa que entendo, simplesmente, como Demo (1994), enquanto questionamento sistemático.

As questões da pesquisa sobre o Movimento Humano, vejo como essencialmente extraídas da prática que começa a exigir, cada vez mais, uma intervenção de orientação científica: esportes em primeiro lugar, mas também, a dança, as lutas, as terapias corporais e etc.

Assim, as pesquisas passam a ser inicialmente de caráter disciplinar, ou seja, monodisciplinar, quando abordam questões sobre o Movimento Humano e se valem de apenas uma área de conhecimento como a fisiologia, por exemplo, ou multidisciplinares, quando duas ou mais áreas de conhecimentos se concentram sobre o mesmo tema do Movimento Humano, fisiologia e psicologia do esporte, por exemplo.

É interessante notar aqui, colocando um pequeno parêntese, que o aumento ou as prioridades das pesquisas relacionadas ao movimento humano sobre determinadas áreas onde este culturalmente é manifestado, determinou, em alguns Países, a definição da ciência, do ensino e das mais diferentes intervenções do movimento humano no contexto histórico-cultural. Assim, por exemplo, na Alemanha, a área de pesquisa que determinou definições no contexto mencionado foi a do Esporte, tendo-se assim, a ciência do esporte, a pedagogia do esporte, o ensino do esporte (Ed. Física) e etc. E, curiosamente na Holanda, onde mais se desenvolveu uma teoria mais geral e filosófica sobre o Movimento Humano, estas mesmas áreas são definidas com a expressão Movimento Humano, ou seja, ciência do movimento humano, ensino do movimento humano (Ed. Física), pedagogia do movimento humano, etc.

E é na Holanda que autores como Buytendijk, Gordjin e Tamboer, por exemplo, desenvolveram pesquisas sobre o Movimento Humano a partir de

pressupostos filosóficos. Buytendijk, já em 1948, escreveu um importante livro, cujo título era: "Teoria Geral da conduta e movimento humano" e passou a ser um dos primeiros trabalhos que se conhece sobre o movimento humano de base filosófica.

Voltando, portanto, à temática da pesquisa sobre o Movimento Humano, encontramos nas pesquisas de caráter disciplinar um interesse mais voltado para as funções do Movimento Humano, assim, tem-se, por exemplo, na fisiologia, o interesse em medir capacidades do rendimento humano nos movimentos, rendimentos que se expressam em força, velocidade, resistência, etc. A funcionalidade destas medidas de capacidades está relacionada à melhoria destas para um eficiente agir no esporte ou para uma vida mais saudável, criando com isto, também, ações de movimentos padronizados e que rapidamente se institucionalizam para cada situação.

As pesquisas que Tamboer (1989/92) chama de interdisciplinares, sobre o movimento humano, são, em primeiro lugar, de caráter teórico porque precisam, antes de mais nada, levantar/desvelar concepções teóricas para justificar como o objeto de investigação (Movimento Humano) precisa ser interpretado, ou seja, nesta forma de investigação os pressupostos (epistemológico, antropológico, ontológico e lógico) precisam ser esclarecidos. É por isto que estas pesquisas têm, necessariamente, uma forte conotação filosófica.

O Movimento Humano pode e até deve, assim, ser pesquisado de diferentes pontos de referência. Seus resultados podem, desta forma, ser diretamente utilizáveis ou podem ter, simplesmente, o caráter de fundamentação teórica. Assim, podemos dizer que as diferentes teorias que se desenvolvem a partir das pesquisas sobre o Movimento Humano, também, expressam diferentes imagens/concepções de Ser Humano (pressupostos antropológicos, nem sempre explícitos nas diferentes teorias).

Remontando, um pouco, à história do pensamento ocidental, podemos encontrar estas diferentes análises/interpretações de realidades já nos pensamentos de Aristóteles e Galileu. Em um texto de Trebels (1992), traduzido para a Revista Brasileira de Ciências do Esporte, este autor analisa a perspectiva filosófica relacionada aos estudos do Movimento Humano, afirmando que, na tradição aristotélica, o movimento pode ser entendido como

uma conduta teleológica e, na tradição galilaica, o mesmo é objeto de investigação a partir de princípios da causalidade. Ou como diferencia melhor Tamboer (1989):

“Representantes da tradição aristotélica consideram a ação humana orientada a um objetivo final, uma característica inerente ao próprio comportamento humano (e animal). Acreditam, ainda, que o comportamento exige um esquema de esclarecimento teleológico (muitas vezes também, finalístico): um esclarecimento para com intenções (situadas no futuro). A tradição galilaica, por sua vez, entende que estas mesmas ações e acontecimentos humanos são determinados por um processo de esclarecimento causalístico, onde o comportamento humano é entendido enquanto uma consequência de determinadas causas que o precedem no tempo (e por isto também denominadas de antecedentes)”.

Infelizmente, o processo de esclarecimento pela causalidade conseguiu o maior reconhecimento e é modelo científico atualmente mais utilizado, tanto para objetos naturais como para fatos e acontecimentos sociais e humanos. Este processo iniciou-se especialmente com o movimento iluminista do século 17/18 na Europa, entendido como século das Luzes, cuja intenção principal era de, pelo exercício da razão esclarecida e crítica, emancipar o homem das amarras da superstição e da tirania, em especial, do Mito. Instaura-se, nesse momento, um tipo de racionalidade que vai caracterizar o mundo moderno e a chamada modernidade. Passa-se por uma “mecanização da imagem de mundo” onde, para o âmbito dos movimentos, as teorias teleológicas das transformações e dos esclarecimentos dão lugar a teorias do deslocamento de objetos ou da matéria. Assim, tem-se, em Newton, uma forte influência para os modelos de pesquisa matemático-quantitativa. Essa mudança paradigmática Aristotélica/Galilaica ou Newtoniana, ou seja, das transformações para o deslocamento, claramente, não se refere ao Movimento Humano em especial, mas ao movimento em geral. Hoje ainda, são conhecidas muitas pesquisas em Educação Física e Esportes onde, trabalhando-se com a utilização da lei da gravidade em exemplos como a queda de um objeto de arremesso (peso) ou a queda de um ser humano, não se percebe diferença nenhuma nas duas análises. Isto ocorre, por um lado,

porque características humanas como sentimentos e emoções não interessam na investigação e, por outro lado, porque estas pesquisas geralmente se desenvolvem utilizando apenas determinados conceitos ou grandezas físicas como massa, velocidade, aceleração e resistência e que servem para a análise de qualquer objeto em movimento. Mas, a utilização destes conceitos para a pesquisa sobre o Movimento Humano implica, logicamente, a aceitação de uma determinada visão de Ser Humano ou uma determinada imagem de corpo.

Do ponto de vista filosófico, vale então questionar, inicialmente, de uma forma um pouco mais aprofundada, o significado do Movimento Humano, ou seja,

O QUE É AFINAL O MOVIMENTO HUMANO?

O que procurei abordar anteriormente sobre a ciência do movimento humano foi, logicamente sempre na perspectiva da ciência relacionada às investigações de determinadas realizações histórico-culturais do movimento humano como o esporte, a dança, as lutas, as terapias corporais, etc. Mas, falar sobre o movimento ou as significações do movimento humano no contexto histórico-cultural, de um modo em geral, deveria abranger, também, os movimentos como o “movimento pela paz”, pela “ameaça ecológica”, em favor das “minorias sociais”, o “Movimento dos Sem-Terra”, etc.

No entanto, percebe-se que, na análise da definição do movimento, genericamente, ele é sempre visto apenas como deslocamento ou mudança de lugar de um objeto no tempo e no espaço, independente da natureza deste objeto.

Embora considerando, também de forma genérica, os movimentos e as tendências para a realização de movimentos pelo homem no mundo de hoje, podemos constatar que este, em função da urbanização, do trânsito, dos locais de trabalho, do estudo, do comércio, enfim, da crescente necessidade em atender a ideologia do consumo, do trabalho (ou da luta por trabalho), realmente se “desloca”, ou é “deslocado” de um mundo a outro. Este “deslocamento” ainda vem se agravando em função de outros fatores, como pelo progresso tecnológico e pelas possibilidades de acesso a alguns bens de consumo, como a televisão, o carro/ônibus, o eleva-

dor, o controle remoto, etc. - por uma grande parcela da população. Desta maneira, é possível dizer que este constante "deslocamento" (para atender objetivos apenas externos) de um lugar a outro se dá, quase sempre de um mesmo modo, o modo "transportado" de se deslocar. Ele se desloca de um lugar para outro com o carro, com o ônibus, ou para o mundo pela janela da televisão, mas não SE-MOVIMENTA. E é neste "se-movimentar" do homem que as chamadas ciências do movimento humano (do esporte) têm seus maiores interesses. Este "se-movimentar" caracteriza-se, essencialmente, por atividades como correr, andar, jogar, dançar, etc. Tamboer (1989), mais uma vez, entende que estes tipos de atividades são considerados, no cotidiano das pessoas, como interpretações naturais do movimento humano. São considerados naturais, por serem formas de atividades reconhecidas no cotidiano como típicos exemplos do movimentar-se humano. Portanto, não se trata de relacionar o movimento com uma lei da natureza, ou seja, de como os homens estruturam - também linguisticamente - sua realidade (de movimentos) no cotidiano. Por este motivo, Tamboer acrescenta a palavra interpretação à atividade entendida como natural, ou seja, interpretação natural. Por exemplo, o verbo correr pode ser uma interpretação que caracterize esta atividade, mas jamais é possível, em palavras, apreender todo seu significado. Acrescente-se a isto, que a atividade correr mencionada, nos seus modos de realização, nem é natural, mas cultural. Um aspecto que Marcel Mauss já identificou, em 1935, em seu trabalho sobre as técnicas corporais.

Enfim, é neste cotidiano que, aparentemente, o movimento humano apresenta menos problemas, até mesmo para defini-lo. Já, se olharmos para a literatura, especialmente na Educação Física e Esportes, não há conceito mais discutível e, poder-se-ia dizer, pobremente interpretado do que o Movimento Humano. É a multidisciplinariedade das ciências do Esporte/Educação Física, que permite uma múltipla interpretação do Movimento Humano. Típico para toda a literatura, também da ciência do movimento humano, é compreender o Movimento Humano pela categoria "função", como no caso da biomecânica, mas também na aprendizagem motora. O movimento analisado na perspectiva funcional leva em consideração ações que precisam ser efetivadas para que determinada função, no esporte, na dança, na luta ou em outra atividade da cultura de movimento, seja executada

de acordo com determinados modelos de ação pré-estabelecidos. Interessa, portanto, repetir/imitar uma ação pré-estabelecida para que o objetivo (uma bola na cesta, no gol ou uma cortada) seja alcançado com êxito. O que difere o movimento humano de movimentos em geral (os deslocamentos), nesta perspectiva funcional, é a relação entre a realização de movimentos e a percepção humana. Os movimentos precisam ser coordenados, devem ser precisos e realizados a partir de determinadas regras e normas. Porém, valores e normas presentes nestas realizações de movimentos, enquanto um agir social, são institucionalizados, pré-estabelecidos. As teorias/pesquisas que se preocupam com estas formas de movimento apresentam um interesse técnico pelo movimento, ou seja, pela realização de formas ideais do movimento vinculadas às origens históricas, com permanente referência às circunstâncias sociais e culturais, aos valores com que foram produzidas e utilizadas.

Quando a ciência do movimento humano se ocupar apenas com esta forma do movimento, então podemos falar de uma "cientifização" das, há pouco mencionadas, "interpretações naturais" do movimento. Ou seja, verdadeiramente, não é o se-movimentar humano que interessa nos estudos, mas a elaboração técnica de movimentos e suas possibilidades de imitação pelo homem. Os movimentos experimentados no mundo vivido de indivíduos dão lugar aos movimentos criados e testados com aparelhos sofisticados e em condições especiais como os laboratórios. Pode-se falar de uma "cientifização" do mundo da vida, quando o resultado destes movimentos tecnicamente desenvolvidos tem efeitos transformadores sobre as experiências e vivências do corpo e movimento de jovens e adultos, até mesmo em suas atividades de lazer. Numa perspectiva histórico-cultural, vejo isto como bastante problemático, pois a cientifização do mundo da cultura de movimentos faz com que as últimas possibilidades humanas, não imitativas, se dissolvam, ou seja, em nome do progresso e desenvolvimento científico e tecnológico dos meios de comunicação, da indústria cultural e da própria escola, o homem precisa imitar tudo: pensamentos, ações e sentimentos, incluindo nisto o seu modo próprio de se-movimentar. É o processo da clonagem humana já em vias de concretização, ou seja, é fácil de ver nos outros o que nós mesmos somos.

Com referência em Buytendijk, anteriormente citado, e Trebels (1989), podemos considerar quatro elementos determinantes de uma ação de

movimento no esporte, lazer, dança ou na cultura de movimentos em geral. Estes devem ou deveriam ser pontos de referência imprescindíveis na análise de movimentos nestas situações:

- *Movimento é uma ação de sujeitos*, ou seja, o autor do movimento é a primeira referência determinante nas atividades em questão. Trata-se principalmente da perspectiva subjetiva de pessoas atuando dialogicamente, na relação Homem-Mundo, através de movimentos no esporte, na dança, no brinquedo, no jogo, etc.
- *Movimento é uma ação vinculada a uma determinada situação*, ou seja, as realizações por intermédio de movimentos no jogo, esporte, dança, brinquedo, etc., concretizam-se sempre em direta relação com outras pessoas, coisas e situações e que passa a se constituir no mundo dos movimentos característicos para a prática do lazer, do esporte ou da dança. Assim, a situação é outro elemento determinante na análise do Movimento Humano, onde interessa, especialmente, como o mundo dos movimentos, esporte, dança, jogo, brinquedo, etc., ser compreendido e apreendido.
- *Uma determinada modalidade na realização de movimentos*, ou seja, a partir de um determinado entendimento nas relações de tempo e espaço, os movimentos no esporte, dança, jogo ou brinquedo despertam diferentes sensações e emoções de extrema importância para um “compreender-o-mundo-pelo-agir”. Ex. corridas rápidas em curva, saltos no esporte ou na dança, etc.
- *Movimento é uma ação relacionada a um significado*, ou seja, os movimentos e as suas referências a um sentido/significado constituem-se, quase sempre, numa pré-condição normativa. Nos esportes de competição este sentido é parte constituinte do mesmo, e os autores dos movimentos, neste esporte, pouco conseguem mudar ou reconstituir o seu sentido. Exemplo: no atletismo, os sentidos para as competições do correr, do saltar e do arremessar/lançar podem ser expressos pelo princípio da maximização de distâncias e minimização de tempos.

Tamboer (1985) acrescenta, a estas categorias de análise, a advertência de que no mundo vivido, mundo de movimento de crianças e jovens, as realizações de movimentos adquirem sempre a forma de um “compreender-o-mundo-pelo-agir”. E, neste modo de entender o movimento, enquanto um *se-movimentar*, este se apresenta, já na sua

estrutura fundamental, como uma ação dialógica. Aqui se faz sentir uma primeira diferença entre o “deslocamento”, para formas de movimentos em que as intenções e referências para o agir são externamente colocadas, na maioria das vezes, de forma alienada para o executor, e o “se-movimentar”, enquanto movimentos que se realizam conscientemente na ótica dos pontos de referência acima mencionados.

A DIALOGICIDADE DO SE-MOVIMENTAR

A idéia central para um conceito do “se-movimentar humano” é que neste, a observação ou pesquisa, se concentra no *Homem* (criança) que se movimenta e não no *Movimento* do Homem (seus deslocamentos, como acima). Para tanto, os quatro aspectos de análise a pouco referidos, ou seja, o sujeito/autor, a situação, a modalidade e o significado dos movimentos, são imprescindíveis. Neste sentido, o se-movimentar humano significa um entendimento de inseparabilidade entre Homem-Mundo. A perspectiva de totalidade sempre foi exigência nas teorias filosófico-sociais dos últimos tempos, porém, ela só é possível - no caso da análise do movimento humano - quando este “se-movimentar” for compreendido como um modo especial de “estar-no-mundo” e de uma atualização da unidade “primordial de homem-mundo”, como se apresenta na fenomenologia de Merleau-Ponty (1966). Desta forma, o “se-movimentar” é sempre um acontecimento relacional entre Homem-Mundo, representado aqui como um diálogo. O movimento é entendido como um diálogo porque, como conduta humana, este modo de ser/estar é sempre um questionar e receber respostas, de ser questionado e de responder em relação ao mundo de movimentos, e, desta forma, mundo e movimentos vão se constituindo em significados. Esta relação dialógica é fator determinante na configuração de sentidos/significados subjetivos e objetivos.

Fica claro que uma concepção dialógica do movimento humano se funda em posições teóricas da filosofia. Evidentemente não é possível, neste curto espaço, fazer uma apresentação mais detalhada e exaustiva desta concepção. Ocupo-me, porém, já há mais tempo, do desenvolvimento de uma concepção filosófica para o movimento humano, no momento ainda, numa perspectiva fenomenológica.

A fenomenologia procura, entre outras coisas, superar a tradicional dicotomia de sujeito-objeto e suas conseqüências, especialmente no ponto de vista do dualismo corpo e mente que se configura como uma herança problemática da filosofia e do pensamento ocidental, pois se manifesta fortemente na concepção moderna de ciência, em especial nas ciências que têm o movimento humano como objeto central.

Foi o holandês Gordjin quem primeiramente realizou abordagens para uma concepção filosófica e dialógica do movimento humano. Assim, concluindo, pretendo mencionar apenas mais alguns pontos importantes desta concepção que pode, um dia, vir a ser importante para as ciências do esporte ou do movimento humano:

1. O objeto de pesquisa da ciência e do ensino não é o movimento padronizado e institucionalizado pelas culturas hegemônicas do movimento, mas sim o relacionamento do homem com as situações de movimento e suas intenções de movimentos relacionadas a esta situação.
2. Numa perspectiva dialógica, o relacionamento que os sujeitos mantêm com situações concretas de movimentos deve levar em consideração os significados individuais e coletivos desta situação, o que significa torná-los conscientes. Neste sentido, situações objetivas de movimentos não se realizam por motivos apenas externos, como pela saúde, pelo esporte, etc, mas, também, ganham significação subjetiva.
3. Um processo de relacionamento dialógico em situações de movimento deve acontecer a partir da auto-responsabilidade, da espontaneidade e da autonomia individual, ou seja, não pode se orientar a partir de receitas de especialistas ou indicações alheias. Esta responsabilidade e esta autonomia permitem às pessoas, constantemente, modificar e reestruturar as situações de movimento.
4. Um entendimento dialógico do movimento não quer significar que atividades esportivas padronizadas devam ser evitadas, ao contrário, a cultura esportiva de movimentos é uma das mais atrativas e interessantes atividades em que um processo dialógico de se-movimentar possa ser experimentado, mas, neste entendimento, respostas individuais, estilos e formas individuais de atender determinadas solicitações e exigências devem ser aceitos e respeitados. Exatamente

isto deve constituir os momentos construtivo das situações de movimento e não, como muitas vezes são entendidos, enquanto atos falhos.

Por último, estas foram apenas algumas observações sobre uma teoria dialógica do movimento humano que se encontra exaustivamente elaborada nas teses dos holandeses Gordjin, Tamboer e, na Alemanha, por Andreas Trebels. Todos acentuam, em suas teses sobre o movimento humano, não apenas o entendimento teórico-filosófico do Movimento, mas a relação deste em situações concretas, histórico-culturais, onde crianças e adultos, ao *se-movimentarem*, realizam descobertas e conhecimentos de si próprios, do outro e do mundo. Estes autores tratam de um "Se-Movimentar" enquanto uma das formas de o homem se relacionar com seu mundo histórico-cultural onde, especialmente o homem, sua corporeidade e o mundo de suas relações ganham novos contornos, contornos que acentuam especificidades e singularidades na orientação intencional, ou seja, no *se-movimentar* destaca-se o caráter relacional que se instaura no diálogo e que, para Tamboer, especialmente, é um "compreender-o-mundo-pelo-agir", como já mencionamos anteriormente.

É claro que, nesta curta abordagem sobre a temática do Movimento Humano, a intenção de análise concentrou-se mais sobre os aspectos do compreender este fenômeno do que sobre a sua importância utilitária. O útil é aqui entendido como a intervenção no meio pedagógico, cultural ou social. Embora este aspecto sempre esteja presente nas reflexões, porém, para a abordagem aqui pretendida acredito que somente seria possível indicar perspectivas interventoras mais específicas, a partir de um maior aprofundamento, além dos pontos já referidos, da temática do movimento humano relacionado à percepção e à sensibilidade, à estética, ao ritmo, ao espaço, ao tempo e tantos outros, além de uma precisa contextualização histórico-social destas temáticas. Talvez, daqui para a frente se possa fazer isto.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, W. Th. - Teoria da semicultura. In: *Educação e Sociedade*, ano XVII, n.56, dezembro/96. São Paulo, 1996.
- BUYTENDIJK, F.J.J. - *Allgemeine Theorie der menschlichen Haltung und Bewegung*. Berlin. 1956.

- DEMO, P. - *Pesquisa e Construção do Conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas*. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1994.
- HAAG, H. - *Sportphilosophie. ein Handbuch*. Schorndorf. Hofmann, 1996.
- HORGAN, J. - *O fim da ciência: um discurso sobre os limites do conhecimento científico*. São Paulo : Companhia de Letras, 1998.
- MEIS, L. / LETA, J. - *O perfil da ciência brasileira*. Rio de Janeiro : Ed. UFRJ, 1996.
- MERLEAU-PONTY, M - *Phänomenologie der Wahrnehmung* Berlin, WDEG, 1966.
- TAMBOER, J.W.I. - Sich-Bewegen-ein Dialog zwischen Mensch und Welt. In: *Sportpädagogik* 3 (1979).
- _____. *Menschenbilder hinter Bewegungsbilder*. Haarlem, 1985. (Livre tradução para o alemão de Trebels, 1989)
- _____. *Philosophie der Bewegungswissenschaft*. Hannover : AFRA, 1994.
- TREBELS, A.H. - Plaidoyer para um diálogo entre teorias do movimento humano e teorias do movimento no esporte. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* 13(3). Ijuí, Unijuí, 1992.
- _____. Das dialogische Bewegungskonzept. Ein pädagogische Auslegung von Bewegung. In: *Die Sportpraktische Abbildung*. Protokolle, n. 39, 1989.